
“ESTAR NO MUNDO, EIS A QUESTÃO”: APONTAMENTOS SOBRE O EXISTENCIALISMO EM SARTRE

“BEING IN THE WORLD, THAT IS THE QUESTION”: NOTES ON
EXISTENTIALISM IN SARTRE

Miriam Giberti Páttaro

Doutora em Letras e professora do curso de Publicidade e Propaganda da FIB Bauru;
miriamgiberti@gmail.com

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar alguns conceitos elaborados pelo filósofo existencialista Jean-Paul Sartre e propor algumas reflexões, a partir deles, sobre a existência humana, levando-se em consideração a tensão existente entre liberdade individual e História. A pesquisa é de caráter essencialmente bibliográfico e para isso, além de algumas obras do próprio Sartre, foram consultados textos sobre seu pensamento. Espera-se assim demonstrar a importância desse filósofo para o pensamento contemporâneo na medida em que subverte a visão clássica sobre a homem, em relação à sua essência e à sua existência. Destaca-se, para isso, a condição da liberdade inerente ao ser humano, em confronto com o contexto histórico ao qual todo indivíduo está inserido.

Palavras-Chave: Jean-Paul Sartre. Existência. Liberdade. História.

Abstract: The objective of this work is to present some concepts elaborated by the existentialist philosopher Jean-Paul Sartre and propose some reflections, based on them, on human existence, taking into account the existing tension between individual freedom and History. The research is essentially bibliographic in nature and for that, in addition to some works by Sartre himself, texts on his thought were consulted. Thus, it is expected to demonstrate the importance of this philosopher to contemporary thought insofar as he subverts the classical view of man, in relation to his essence and existence. For this, the condition of freedom inherent to the human being stands out, in confrontation with the historical context to which every individual is inserted.

Keywords: Jean-Paul Sartre. Existence. Freedom. History.

1 INTRODUÇÃO

O existencialismo foi uma das correntes filosóficas mais conhecidas no século XX, presente em discussões fora dos espaços acadêmicos e influenciando inclusive produções artísticas. Pode-se definir o existencialismo como uma tendência intelectual que reflete filosoficamente sobre a vida humana em suas dimensões singulares e concretas, e compreende o ser humano como um ser de possibilidades, um ser que se projeta de acordo

com a escolhas que pode fazer no mundo. Assim, diferente de todos os demais seres que são, o ser humano *existe*. Dessa forma, ele ultrapassa as condições efetivamente dadas pela realidade em direção à livre construção de seu ser. Ao contrário da filosofia clássica, o existencialismo não reconhece uma concepção substancial da natureza humana, o conceito de essência humana; de acordo com esse pensamento, os seres humano existem e são protagonistas de sua humanidade, escolhem a si mesmos diante de muitas possibilidades.

Os historiadores da filosofia identificam Kierkegaard (1813-1855) como precursor do existencialismo, seguido de autores como Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986), companheira de Sartre desde a Universidade, além de outros. No caso de Sartre, o método fenomenológico fundamentou sua visão de homem e existência humana; a partir do conceito de “intencionalidade da consciência”, próprio da fenomenologia, ele examina o processo de existência do homem, relacionada à subjetividade individual e da realidade presente. A consciência será descrita por Sartre como a condição existencial em que se delinea a subjetividade humana.

A produção intelectual de Sartre destaca-se nesse contexto e questões como liberdade, consciência individual, realidade objetiva e História estarão presentes em seus textos de uma forma inovadora e instigantes. Textos que vão além da produção acadêmica e se multiplicam em ficção e ensaios, em que encontramos personagens e situações que demonstram ao leitor de forma concreta como se dá o dilema existencialista. O indivíduo como um ser que tem consciência, é livre mas também é um ser histórico, e tem sua existência marcada pela tensão existente entre esses polos.

A liberdade proporciona ao homem fazer escolhas, e com isso constrói-se a si mesmo e à humanidade. Todavia, a liberdade carrega consigo mesma a responsabilidade, a necessidade de responder pelas suas escolhas, o que lhe acarreta angústia, a angústia da existência. Pois toda escolha implica em ganhos, mas também perdas, e a dúvida pelas próprias escolhas. Além disso, há uma relação com o contexto material em que se vive, que de certa forma condiciona as escolhas do indivíduo. Ser- livre, e ser-histórico ao mesmo tempo, são as condições que levam a existência humana a um patamar único e por isso mesmo, às vezes angustiante.

A partir da exposição de alguns conceitos elaborados por Sartre, esse trabalho tem por objetivo propor algumas reflexões sobre a condição existencialista, levando-se em consideração principalmente a tensão que existe entre a liberdade individual e a condição histórica do indivíduo. Dessa forma, pretende-se apresentar parte do pensamento de Sartre e possíveis desdobramentos de seus escritos que possam contribuir para questionamentos sobre a nossa própria condição em pleno século XXI.

Por ser uma moral da ação, já que o existencialismo considera que é o próprio ato que define o ser humano, conhecer essa linha de pensamento é essencial para o homem

pós-moderno. Vivemos um momento em que discute-se amplamente questões como direitos do indivíduo e liberdades individuais, tais como liberdade de expressão e direito de ir-e-vir. Diante de tal contexto, liberdade e responsabilidade são fundamentais para entendermos a extensão das ações humanas, que todavia ocorrem também em certo contexto histórico-social. Pensar essa relação à luz do existencialismo de Sartre pode promover uma discussão e reflexões importantes para conquistas individuais mas também para a compreensão do indivíduo como um ser histórico e social.

Para isso, apresenta-se a seguir uma pesquisa bibliográfica, que busca resumir, analisar e discutir informações já publicadas sobre o tema tratado. Serão apresentados alguns conceitos e parte do pensamento de Sartre sobre o existencialismo, acompanhados de reflexões e contribuições de autores brasileiros sobre Sartre e sua produção intelectual.

2 EXISTÊNCIA E LIBERDADE: FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO DE SARTRE

O Humanismo é uma das marcas da chamada modernidade pois, a partir do século XVIII, a civilização passou a se pautar pela hegemonia do homem, da liberdade do pensamento e da autonomia da razão. O sujeito humano, e conseqüentemente a primazia do intelecto e do pensamento humano, passaram a vigorar como critérios de verdade e como critérios do bem. O homem, intelectualmente liberto dos dogmas que lhe foram impostos em épocas passadas, moralmente responsável por sua vida, passa a almejar construir o seu destino. Tem início um período que fundamenta a sociedade moderna, caracterizada pelo progresso da ciência, das artes e da tecnologia protagonizados pelo homem. De fato, a Idade Moderna é o período de valorização suprema do indivíduo, como bem expressa Bresser Pereira, em seu texto sobre “Modernidade, pós-modernidade e neoliberalismo” (2011, p. 12):

Todas as análises da modernidade partem da ruptura com a tradição e a religião. E chegam à mesma conclusão: resultou daí a individualização ou a formação do sujeito e o individualismo. Os homens e as mulheres se sentiram mais livres para definir sua própria identidade e para se tornarem agentes da história, o que resultou em uma visão mais pessoal ou mais voltada para o “eu” do papel de cada indivíduo na sociedade, e, por isso, em uma centralidade do indivíduo na trama da sociedade que não existia nas sociedades antigas.

A filosofia moderna, por sua vez, tem seu início marcado pela tentativa de se determinar o que seria a essência humana. O francês René Descartes (1596-1650), por exemplo, que é visto pelos historiadores como fundador do pensamento moderno no século XVII, afirmava que o ponto de partida da teoria e da prática é a definição da subjetividade,

isto é, do espírito humano como um ser pensante (“coisa pensante”, “res cogita”) e disso decorrerá todo conhecimento e toda vida moral. Descartes está, sob esse ponto de vista, em continuidade com a filosofia que o antecedeu, para a qual todo conhecimento sempre começa pela essência do objeto a ser conhecido e, a partir daí, em uma série de atributos que permitiria ao homem conhecê-lo na sua totalidade. A essência é o atributo principal, aquele que determina todas as qualidades que podem ser encontradas naquilo que se deseja conhecer. E o caso do homem não é diferente: sua essência pensante é um fator determinante da totalidade do seu ser; portanto, é essa valorização do pensamento humano como essência que caracteriza o homem, a grande marca do humanismo moderno.

No século XX, outro francês, Jean-Paul Sartre (1905-1980) inverteu essa perspectiva, acentuando uma tendência que não começou com ele, mas com outros autores, tais como Kierrgaard (1813-1855) e Martin Heidegger (1889-1976), que são considerados filósofos existenciais. Tal denominação decorre de uma nova visão que considera antes de tudo o plano da existência humana, e não a essência humana como se fazia até então. Isto significa que a compreensão do homem deixa de ocorrer a partir de uma determinação da sua natureza, de um núcleo permanente, imutável, do qual decorreria todos os demais atributos considerados secundários ou acidentais. Para Sartre, por exemplo, não existe qualquer determinação necessária que defina o homem antes que ele venha a existir. É exatamente esse fato, o fato de existir, expresso na vida humana, na conduta humana própria dos homens, que permite ao homem conhecer a realidade humana. E essa realidade é algo singular pois, ao contrário dos demais seres - animais, objetos, etc. - que obedecem a uma determinação prévia, no caso do homem não há essa essência. Ou seja, de acordo com Sartre só se pode considerar a existência humana de forma contingente, que é o oposto do necessário, ou seja, sem uma razão que a explique integralmente.

Ainda em relação a alguns filósofos anteriores a ele, é conveniente lembrar a colocação que Sartre faz a respeito de consciência e conhecimento, que o leva a tratar do conceito de Intencionalidade, através do qual deixa evidente a relação que o ser humano tem com que está fora-de-si, com seu exterior, e como isso impulsiona a sua existência. Ao abordar esse tema em sua resenha sobre a obra “Sartre, leitor de Husserl: a Intencionalidade, uma ideia fundamental”, Silva (2019, p.08) esclarece:

Com efeito, “toda a consciência é consciência de alguma coisa”, diz a máxima husserliana, que será frequentemente repetida por Sartre ao longo de sua obra. É precisamente disso que se trata a Intencionalidade. Como uma explosão, a consciência transcende-se, para além de si, até o objeto. É uma consciência que é ato, movimento, e não uma substância; isto é, a consciência é, na medida em que é consciência de seu objeto, ela reduz-se ao próprio ato de ser consciente de alguma coisa. Assim, diferente da *res cogitans* cartesiana que tem sua dimensão de “coisa”, uma existência *positiva*, a consciência que se define pela intencionalidade não se sustenta sem um objeto, pois é somente na medida em que é consciência deste.

Uma vez que não possui uma essência que o defina, o ser humano não está determinado a ser alguma coisa segundo parâmetros pré-estabelecidos. Não está determinado a ser algo de acordo com uma inteligência que o tenha preconcebido, por exemplo Deus; ou por qualquer outra instância, ainda que meramente natural, ainda que o tivesse criado. É nesse processo de existência que o homem constitui o seu ser. De modo que não é possível falar em natureza humana, segundo Sartre, se considerarmos isso como um núcleo permanente, fixo que, segundo a tradição, constituiria a essência. De fato, como ele afirma em sua obra “O existencialismo é um humanismo” (1978, p. 05) :

O que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza, visto que não há Deus para conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após esse impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo.

Entretanto, as consequências mais importantes dessa distinção são de caráter ético. Se o homem não possui essência, se aquilo que ele é não se deduz de sua natureza, isso significa que a constituição de seu ser, no discurso de sua existência, decorre dele mesmo. Quer dizer que o homem virá a ser o que fizer de si mesmo. O seu ser, não sendo algo dado de antemão, coincide com essa tarefa, da construção da vida, da própria existência, o que ele fará através da sua conduta, através das suas ações. Por isso, no centro dessa concepção existencialista da realidade humana está a noção de liberdade. Isso porque a origem do homem é o próprio homem. Ou seja, o homem será aquilo que ele escolher fazer de si mesmo. A sua capacidade de escolha é originária e absoluta, não é condicionada por qualquer determinação anterior. Assim, se quisermos insistir em uma definição de realidade humana, ela só poderia ser: liberdade. O homem é a liberdade; isso quer dizer que ele não tem um atributo ou uma faculdade natural, como afirmava a filosofia clássica. A liberdade é ele mesmo, daí a aproximação entre subjetividade e liberdade. A liberdade abre possibilidades para o que o ser humano virá a ser. Pelo fato ter liberdade, a única escolha que o indivíduo não pode deixar de fazer é a de ser livre. Parece uma contradição mas é a forma pela qual a filosofia da existência, especialmente Sartre, nos diz que não podemos escapar da nossa própria liberdade. Conforme ele próprio explica, na obra já citada anteriormente, “O existencialismo é um humanismo” (1978, p.06):

“Dostoiévski escreveu: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Aí se situa o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, fica o homem por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a

que se apegue. Antes de mais nada, não há desculpas para ele. Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós e sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.”

Essa liberdade originária, como Sartre ressalta, implica em uma responsabilidade total. De fato, para a maioria das teorias éticas, a responsabilidade é a contrapartida da liberdade; pois somente quem é livre pode ser responsabilizado por suas ações. A não ser aquele que é impelido a agir de alguma forma, devido a uma força que o obrigue a isso, pois esse não pode ser considerado responsável. Talvez por isso, as teorias éticas sempre procuraram remeter nossa liberdade à alguma instância de onde se origina, e com a qual poderíamos dividir a nossa liberdade. Pois dessa forma, dividimos sobretudo a nossa responsabilidade. Ela pode ser dividida com Deus, com a sociedade, com as tendências naturais, com o inconsciente do indivíduo, com o partido que ele escolher fazer parte. Se a liberdade do indivíduo não for total, ele também não será responsável.

O humanismo de Sartre, nesse sentido, é difícil pois para ele a liberdade e a responsabilidade são vistas de maneira originária e muito radical. O homem está só, surge e desaparece gratuitamente no mundo, nada o explica, não tem fundamento, não tem raízes metafísicas e nem naturais. O homem exerce sua liberdade e inevitavelmente, é responsável por si e pelos outros. Como não há valores universais pré-determinados como critério de escolha, cada vez que um homem escolhe, cada vez que ele é livre, ele escolhe um critério, ele escolhe o valor a partir do qual esse ato é efetuado; e esse valor, que surge com a liberdade, é único. Esse exercício da liberdade pelo indivíduo é assim explicitado por Leopoldo e Silva (2013, p.05), ao tratar da ética implícita no pensamento de Sartre:

Ora, isso significa que a história de um indivíduo é a história de uma liberdade como processo concreto de existência. E contar essa história é fazer uma descrição moral porque a maneira pela qual cada indivíduo se constitui é uma espécie de construção ética da subjetividade. Com efeito, a continuidade da existência, processo que nunca se completa, pois nunca atinge a totalidade, deve ser entendido como as opções subjetivas que se sucedem no tempo da existência, aquele em que o sujeito assume a cada momento seu passado, atribuindo-lhe um sentido, e se projeta no futuro a partir da liberdade em que se reconhece no presente. Constituição progressiva que se define como temporalidade em que cada sujeito se vai fazendo, no processo de existir que é processo de subjetivação, isto é, de realização da subjetividade, a qual, como já vimos, jamais é atingida como totalidade.

O valor que impulsiona a escolha do indivíduo é ao mesmo tempo particular, fruto de uma escolha particular, mas é também universal, na medida em que exprime tudo

aquilo que pode ser alcançado em termos de critério moral. Ao exercer a liberdade por si mesmo e ao inventar valores e critério dessa liberdade, o homem atinge tudo aquilo que é possível. O critério humano do seu ato somente vai existir a partir do próprio ato, da sua própria escolha feita. Portanto, se há algo de universal nos critérios e nos valores morais que orientam as condutas humanas, essa universalidade não vem de algo transcendente ou diferente do ser humano; ela vem dele próprio, é uma espécie de singularização da universalidade que os homens buscam viver. Trata-se de uma liberdade e um humanismo com certa complexidade, pois não é possível fugir à responsabilidade de “ser humano”, isto é, de “ser livre”. O homem é livre na medida em que constrói a sua existência; e ao fazer isso, é como se propusesse os valores e critérios da existência.

Mas Sartre, de forma bem realista, salienta que essa liberdade não é exercida no vácuo, no vazio; pois existir é existir no mundo, é estar lançado gratuitamente no mundo. Só que o homem está no mundo sempre de forma concreta e definida, ou seja, sempre em uma dada situação. A forma dele estar no mundo é sempre uma situação definida e delimitada. Por exemplo, há todo um conjunto de fatos que delimitam a situação do sujeito no mundo e nas quais ele não pode interferir, até porque são anteriores à sua existência (época, lugar, família, classe social). Enfim, uma série de condições que não se pode modificar e que são aquelas em meio às quais ocorre o exercício da liberdade e, portanto, a liberdade é ao mesmo tempo limitada e possibilitada por tudo que rodeia o ser humano, sobretudo os outros, as pessoas que o rodeiam. Esse exercício da liberdade é limitado porque ele se dá diante dessas condições, que podem atuar como obstáculos a ela (e assim constituem índices de adversidade, segundo Sartre) mas também pode ser possibilitada por elas, pois as escolhas sempre dependerão, em grande parte, do sentido que o indivíduo atribui a esses fatos e pessoas com que se defronta. Ainda seguindo as reflexões de Leopoldo e Silva (2013, p. 06),

Pois se não há como se salvar da existência, isso significa que estamos comprometidos com ela. Nesse sentido se pode dizer que o compromisso histórico, sempre livremente assumido, deriva, paradoxalmente, da fatalidade do existir contingente. A condenação à liberdade é a expressão dessa condição.

A condição humana há, portanto, de ser compreendida em termos de existência histórica. Como já vimos, isso significa história individual na história geral: o homem faz a história que o faz. A liberdade, como mostra Sartre, é sempre situada, isto é, definida historicamente; essa situação define o sujeito, o qual, porém, como sujeito da história, redefine a situação através dos significados que atribui livremente aos fatos com que se defronta no exercício da sua liberdade. A situação histórica, considerada dessa maneira, constitui ao mesmo tempo a possibilidade e os limites da liberdade.

É importante salientar, como bem nos lembra Sartre, que não é possível mudar as pessoas, os fatos e o mundo objetivamente dado, mas é possível livremente atribuir certo sentido a eles. Nessa diferença entre o fato bruto e o sentido que se pode atribuir a ele, nesse espaço, é que ocorre o exercício da liberdade, sempre situada. Portanto, paradoxalmente, ocorre uma escolha absoluta e uma escolha mediada pelos fatores em que o homem vive e que podem atuar como determinantes na sua vida. Essa situação paradoxal da vivência da liberdade desempenha uma função na existência do ser humano que o leva à História. Pois toda situação é histórica, isto é, ela é vivida dentro dos limites de um tempo e de um lugar em que as pessoas agem historicamente. Um sujeito livre é sempre um sujeito histórico, a existência é sempre histórica. Assim, a liberdade e a responsabilidade ganham significações concretas e determinadas. A existência sempre ocorre em uma situação histórica e concreta; indivíduos e grupos são históricos. Nesse aspecto, Sartre se aproxima do marxismo, já que reconhece a relação entre os homens e a história. A realidade humana tem na existência a sua origem e o seu fim, precisamente porque o processo de existir ocorre concretamente como um processo histórico. Nesse sentido, cada indivíduo é a sua história; ele não é mais que a sua história, a existência histórica que acontece de modo singular em um contexto mais amplo de uma história geral. O conceito de historicidade, como é abordado por Leopoldo e Silva (2013, p. 07), esclarece esse ponto:

Assim, a história não é o ambiente do sujeito-agente histórico, de forma semelhante à que a natureza é o ambiente dos seres naturais. O homem não está na história como os seres naturais estão na terra como habitat. Historicidade não tem sentido paralelo ao de naturalidade. Historicidade significa que a história somente existe na medida em que o homem a faz fazendo-se ser histórico, o que implica tanto as determinações objetivas que nos constituem quanto as possibilidades de negá-las e superá-las pela liberdade. Assim, a história é sempre de todos e de cada um; do gênero humano e de cada homem; de uma sociedade e de cada indivíduo que a constitui; de uma época e de cada sujeito que a vive; de tal modo que a universalidade somente existe na diversidade da expressão singular e a singularidade só faz sentido a partir do lastro de universalidade que a constitui.

Sartre, quando fala da interioridade e da subjetividade, não pensa e não fala em noções ou conceitos do tipo cartesiano, como alma ou interioridade do espírito; ele pensa sempre como algo que se relaciona com a história. Uma subjetividade que não se expressa no mundo objetivo, em atos, ações e condutas, não existe. A existência consiste em expressar o que há no interior do eu, já que para Sartre a existência ou o processo de existir é sempre histórico e expresso em atos e condutas dos indivíduos, ou seja, pela história de cada indivíduo; e das histórias pessoais, histórias que se dão em um contexto maior, a chamada história geral. Se cada um de nós tem uma história individual, enquadrada em um contexto maior, então seria o caso de dizer que a história nos determina, nos limita, já que o ser humano é uma construção histórica? Sim, a história nos determina ao mesmo

tempo em que a fazemos, segundo Sartre; pois assim, como só podemos conceber indivíduos históricos, assim só há história na medida em que existem indivíduos que a fazem, os indivíduos históricos. Sartre segue a dialética marxista ao entender que entre o sujeito e as condições históricas em que está inserido há uma tensão, uma contradição entre polos opostos; e isso é propriamente uma relação dialética, já que nenhum dos dois se reduzirá ao outro, nenhum será subordinado ao outro. Então, a liberdade subjetiva se opõe a essas grandes determinações objetivas da história. Mas é exatamente dessa oposição irreduzível entre a subjetividade e a História, que resulta aquilo que chamamos de “experiência humana”, que é uma experiência histórica, vivida em determinadas situações por indivíduos que fazem a História, ao mesmo tempo em que são feitos por ela e que vivem essa experiência, significando-a intimamente, subjetivamente, expressando essas significações de forma sempre singular e sem repetições. Pensar dialeticamente é aceitar a oposição, aceitá-la como constitutiva, tanto da História quanto do indivíduo.

Um ponto muito importante levantado por Sartre em sua obra “O ser e o nada” é ele designa como “alteridade”, a constatação de que o sujeito existe para si mas também para os outros, sempre nessa simultaneidade. Em outras palavras, o indivíduo é sujeito mas também objeto de outro sujeitos; e o que cada um vai fazer de si, ao construir sua existência, incluirá aquilo que poderá fazer com o que os outros fizerem dele. Estar no mundo é portanto viver sob um regime de intersubjetividade, com todas as consequências que isso pode trazer. Essa intersubjetividade, esse jogo, às vezes conflituoso, de individualidades ou subjetividades, é sempre exatamente vivido numa situação histórica determinada e de acordo com diversas relações, entre as quais, as de conflito: entre indivíduos, grupos, classes sociais. As condições gerais e objetivas do contexto histórico não anulam as singularidades dos indivíduos, já que cada um vive singularmente, subjetivamente essas condições através das histórias pessoais que exprimem, cada uma à sua maneira; mas, ao mesmo tempo, há uma intersecção de histórias e projetos individuais, que se influenciam de forma recíproca. Ao tratar da questão da alteridade em Sartre, Prates (2020, p.6) enfatiza:

Assim, para que haja *minha* experiência é preciso que haja *pessoas* isto é, subjetividades concretas e singulares na relação de minha situação singular, cujo fator, como já visto, não é uma circularidade desesperadora (de que ora eu transcendo, ora sou transcendido), mas o enriquecimento mútuo dessas singularidades. Na comunidade da facticidade as transcendências redesenham suas singularidades *na presença do outro* enquanto *pessoa* singular, ao mesmo passo em que, compondo a relação, inventam a si próprias.

Ainda, de acordo com Prates (2020, p.18), “Na fusão do grupo, cada um é mediado pelo outro e se torna mediador pelos demais porque a ação não é configurada senão pelo fim único proposto entre todos”. Isso não quer dizer que haja uma harmonia entre as intenções subjetivas dos indivíduos e a História na qual se insere, que resulta da concreti-

zação dessas ações. Pelo contrário, o cenário do mundo muitas vezes deforma o propósito dos indivíduos; muitas vezes os resultados invertem, ou até deturpam, as suas intenções. Isso decorre exatamente do fato de que o indivíduo não age sozinho; outros também agem e as liberdades se entrecruzam. Às vezes elas se complementam, como se estivessem em fusão, naqueles momentos em que indivíduos, grupos e até sociedades internas podem operar em uníssono; mas em outros momentos há um conflito, há uma oposição dessas liberdades porque há diferentes projetos existenciais e históricos. É fato que há limites para a liberdade porque as situações de alguma forma determinam as ações do indivíduo; mas é verdade também que ele é livre para lidar com essas mesmas determinações. Diante dos fatos que pesam sobre o indivíduo, que constituem o seu entorno, ele pode se resignar ou pode tentar superá-los; pode viver estritamente de acordo com a realidade que lhe é dada ou pode tentar transcender essa realidade e projetar essa realidade para outras possibilidades. Se essas vão se realizar ou não, isso depende do grau de adversidade das coisas, mas o indivíduo é livre para escolher, e quando escolhe uma possibilidade diferente da realidade existente é como se já estivesse de algum modo agindo em prol desse futuro, motivado por uma realidade possível que, no entanto, ainda é inexistente. Isso acontece porque a realidade humana é sobretudo projeto, o homem é o ser que pode fazer a experiência dos possíveis, isto é, daquilo que ainda não existe; é dessa forma que os limites que o determina são também, ao mesmo tempo, as possibilidades de os transgredir e de superá-los. Isso quer dizer que determinação e liberdade, sem dúvida são polos opostos, mas são igualmente constitutivos da existência e da história humana.

Por isso Silva (2020), muito apropriadamente, conclui sua dissertação ressaltando o existencialismo sartriano como uma filosofia voltada para a ação. Nos seus textos teóricos, Sartre expôs pormenorizadamente os aspectos estruturais e históricos dessa existência que precede a essência; essa é a frase emblemática, exposta como estrutura e como história em seus escritos. De fato, como ressalta Silva (2020, p. 98)

Ao ancorar o ser do homem naquilo que ele mesmo fizer de si, o filósofo francês não admitirá desculpas que tenham por intuito eximir o homem de ser o único responsável por aquilo que ele escolher fazer de si. Uma vez que o mundo só obtém um significado a partir de minha ação comprometida dentro dele, não me cabe recorrer a um determinismo para justificar meus atos ou omissões.

E ainda, mais à frente, continua na mesma obra (2020, p. 98)

a liberdade que Sartre reivindica está ancorada única e exclusivamente na *ação*. Em sendo assim, Sartre rejeita toda forma de desculpas que o homem costuma dar para fugir de sua liberdade, bem como rejeita todas as críticas que definem o existencialismo como uma filosofia desesperada.

Diante disso, afirmamos com Sartre que “nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, *uma doutrina de ação*, e que só por má-fé... podem-nos chamar de desesperados” (Idem, p. 22,

grifo nosso). Eis-nos assim diante de uma filosofia que admite a possibilidade de “uma coletividade humana” na qual cada um deve fundamentar seu projeto na ação e por ele responder. O que será do homem? Certamente o filósofo francês não poderia aqui nos dar uma resposta definitiva (nem poderia fazê-lo). Entretanto, de acordo com a sua concepção de liberdade, o pensador francês esboça uma resposta que pauta pela austeridade e pela coerência: o homem será aquilo que ele escolher fazer de si.

A filosofia existencialista, especialmente a proposta por Sartre, é ao mesmo tempo “encantadora”, por enfatizar a liberdade do indivíduo, e nos fazer perceber como protagonistas de nossa própria história; por outro lado, ela é “angustiante” por nos lembrar que diante das escolhas, somos responsáveis por elas, e temos que responder por suas consequências. Não somos vítimas, nem simples herdeiros ou seguidores de destino, mas indivíduos de ação, movidos pela consciência e livres. Únicos responsáveis pela nossa história, definida por nossos valores e atitudes.

Insatisfeito com as filosofias que conhecia, Sartre encontrou na fenomenologia o estopim para pensar uma “filosofia do concreto”. A partir de profunda reflexão sobre a relação da consciência com o objeto, esse filósofo discorreu sobre liberdade, responsabilidade, “o outro”, engajamento, compromisso, História, etc. Muito mais do que conceitos, ele elaborou princípios que podem nos ajudar a entender o que é “estar no mundo” e como essa existência acontece de acordo com nossa consciência.

3 CONCLUSÃO

A filosofia existencialista, ou filosofias que tratam da existência e não da essência humana, trataram de enfatizar o protagonismo do ser humano, em detrimento de um destino previamente traçado ou marcado por elementos alheios às suas escolhas. No contexto do século XX, marcado por fatos que levaram o homem ocidental a uma certa instabilidade social e histórica, destacou-se a filosofia existencialista do francês Jean-Paul Sartre.

De acordo com Sartre, o homem é livre, não está preso à uma essência, e pode escolher o seu projeto existencial; porém, é responsável pelas suas escolhas. Ao não aceitar qualquer tipo de “justificativa” para a conduta dos indivíduos – Deus, natureza humana, inconsciente - o filósofo determina que está na equação liberdade e responsabilidade a diretriz da vida humana; em outros termos, da história individual e da história geral. Além disso, é no encontro e no confronto com o outro, que o homem faz sua própria história, individual e coletiva.

Daí podermos dizer que a filosofia de Sartre é uma filosofia para a ação, impulsionada todavia pela reflexão. Ao tomar consciência de seu protagonismo, discussões atuais como direitos e liberdades ganham nova direção, já que deixam evidente que não são questões meramente burocráticas, legais ou intelectuais. São temas que tratam de situações do co-

tidiano e que se refletem na concretude da vida. O homem “está no mundo”, que de forma significativa, funciona e se estabelece de acordo com sua vontade. “Estar no mundo” significa existir, de acordo com sua liberdade e sua responsabilidade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 21ª ed. São Paulo : Martins Fontes, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4ªed. São Paulo: Moderna, 2009.

BRESSER PEREIRA, Luiz. Modernidade, pós-modernidade e neoliberalismo. *Textos para Discussão da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas*. São Paulo, agosto de 2011. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8505/TD%20300%20-%20Luiz%20Bresser%20Pereira.pdf?sequence=1>. Acesso em 01/02/2022.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Literatura, ética e política em Sartre. *Limiar*. São Paulo, vol. 1, nº1, p. 01-10, 2º semestre de 2013. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/limiar/article/view/9286>. Acesso em 16/02/2022.

_____. Subjetividade e crítica em Sartre. *SOFIA*. Vitória(ES), vol. 4, n. 1, Janeiro/Junho de 2015. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/10351/7324>. Acesso em 17/02/2022.

PRATES, Marcelo. Alteridade e finitude em Sartre. *Revista Dissertatio de Filosofia*. n. 51, p. 339-365, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/dissertatio/article/view/14006>. Acesso em 10/02/2022.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do humanismo a Descartes*. São Paulo: Paulus, 2004. v. 3.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção “Os Pensadores”.

SEVCENKO, Nicolau. *O renascimento*. 8a. ed. São Paulo: Atual Editora, 1994.

SILVA, Guilherme Cerdeira Lelis. Sartre, leitor de Husserl: a Intencionalidade, uma ideia fundamental. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*. Rio de Janeiro, V.8 , n.1, p. 07-19, 2019. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/46179/0>. Acesso em 03/02/2022.

SILVA, Paulo César Gondim da. *O conceito de liberdade em O ser e o nada de Jean-Paul Sartre*. 2010. 110p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16480>. Acesso em 10/02/2022.